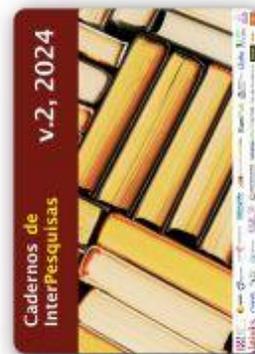


Artigo:

A primeira folia: uma experiência sensorial



PINTO, J.M. .

Juliana Margarete Pinto

Universidade do Estado de Santa Catarina -
UDESC/CEART gruposomaruberlandia@gmail.com

Resumo:

Este trabalho aborda a relação entre experiências pessoais e culturais aliadas aos processos de ensino/aprendizagem em relação à imagem no ator a partir da máscara do palhaço da folia de reis, verificando como se dá a formação da imagem mental X imagem visual através de técnicas e procedimentos em Arteterapia.

Palavras-chave: Máscara. Arteterapia. Teatro.

Cadernos de InterPesquisas

Educare et Sabere, Curitiba, Brasil

e-ISSN: 2965-3134

Periodicidade: Fluxo Contínuo

v.2, 2024

URL: <https://esabere.com/index.php/cadips>



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons 4.0 Internacional
Copyright (c) do(s) Autor(es)

PINTO, J.M. A primeira folia: uma experiência sensorial. Cadernos de InterPesquisas, v.2, p.217-246, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11494619>

217

INTRODUÇÃO

O presente texto, em fase de estudo e parte integrante de uma tese em andamento, e que iniciou-se muitos anos antes, trata de percepções e análises de experiências relacionadas à performance da máscara da folia de reis, estrutura geral, características e aspectos relevantes para o trabalho, que não ficam confinados apenas às abordagens culturais e das artes de modo geral, em especial das artes cênicas e o labor corporal do ator.

São apresentadas reflexões, sobre os pontos de vista dos foliões, do público, do artista pesquisador, de experiências teórico-práticas dos autores estudados e da doutoranda que tanto relacionam-se com o fazer artístico-cultural da folia de reis, com as artes cênicas, de modo que emergem-se aspectos relativos a diversos assuntos como Arteterapia e as questões imagéticas e sensoriais que afetam o sujeito brincante, público ou ator-pesquisador, dentre outros.

Desde o meu primeiro contato com atividades artísticas ainda na infância, e principalmente ao longo da vida acadêmica, ao cursar na graduação, a disciplina atuação com máscara, instigantes inquietações vinham sendo-me suscitadas no tocante ao processo de criação de personagens. No decorrer do meu aprendizado foi possível perceber as relações de agentes externos e principalmente objetos com o corpo e como essa fusão proporcionava a exposição de ideias, sentimentos, desejos, sensações, pois o ator pratica um trabalho corporal por meio de exercícios e técnicas que permitem sugerir e revelar as propostas artísticas almejadas, especialmente em atuação com máscaras.

No decorrer da graduação em Teatro na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) por exemplo, um dos fatores fundamentais que subsidiaram o meu interesse por questões mais específicas sobre os processos de atuação com máscaras de folias

de reis foi a participação no grupo da Dança Baiadô vinculado a pesquisas em danças brasileiras por uma professora do nosso curso. O trabalho era realizado na forma de compartilhamento de experiências tanto em danças da cultura popular, pesquisa teórico-práticas junto ao Congado fortemente marcante em Uberlândia e região, e demais manifestações culturais.

Aberto a toda comunidade ensaiávamos semanalmente aos sábados à tarde e aprendíamos juntos numa espécie de coletivo, que trazia num objetivo comum, um único “corpo dançante” quando quase sempre em roda, vivenciávamos as Cirandas, Tambor de Crioula, Jongo, Cacuriá, Coco, dentre outras danças. Também aprendíamos o processo de criação musical dos versos declamados e cantados quando em duelos e festas populares, sendo nossa responsabilidade as festas juninas e julinas da UFU, o levantamento dos mastros dos santos de junho com cerimônia ao redor dos mesmos dançando e cantando. Paralelo aos ensaios realizávamos apresentações de dança dentro e fora da universidade, bem como oficinas diversas sobre cultura popular, produção e uso dos instrumentos musicais como os tambores de madeira e couro de boi, caxixi, coquinho dentre outros, da própria dança, debates e palestras artísticas. Além de não somente visitarmos mas participarmos, ainda que de modo mais “discreto”, de desfiles de carnaval na escola de samba Tabajaras, de ternos de congado em 1º de maio e 12 de outubro, compartilhando do processo das manifestações culturais e acompanhando por anos intimamente de questões próprias da cultura popular em que se fazem presentes valores morais, humanos e artísticos que tornam vital e essencial à perpetuação e necessidade das manifestações culturais. Ainda hoje, apesar de há anos não mais compartilhar das experiências do antigo Baiadô, atualmente Balaio de Chita, grupo que cresceu e aprimorou-se e conquistou mais autonomia e vem cada vez mais desenvolvendo atividades culturais via leis de incentivo, mantenho mesmo distante, importantes amizades não somente no

quesito humano, mas artístico-cultural com pessoas vinculadas ao setores de cultura popular em Uberlândia - MG.

Em dado período da graduação pude cursar sob a regência da professora coordenadora do Grupo Baiadô, a disciplina Teatro e Cultura Popular em que fui monitora e novamente adentramos em novos universos como o **Batuque de Umbigada** em que uma das festas, ao menos na época ocorria em Piracicaba, interior de São Paulo, além de mais adiante participar como monitora e aluna de uma oficina de máscara de folia de reis, onde o real interesse pelo processo de mascaramento e da própria manifestação cultural rendeu como um dos frutos a monografia de conclusão de curso do bacharelado em Teatro na UFU e 12 anos depois o ingresso no doutorado.

Porém, a questão da máscara da folia de reis somente seria melhor compreendida e com necessidades de ressignificações mais adiante, após anos de concluído o curso de graduação quando ao buscar algo mais significativo referente ao processo de atuação mascarada, e já visando o doutorado é que me deparei com fatores cujas especificidades vão muito além da própria máscara. E o contínuo exercício de atriz em espetáculos, ministrando oficinas e cursos, atualizações profissionais, mesmo que de outras linguagens cênicas como cinema e tv ou apresentador de programas e cursos de pós-graduação lato sensu em Arteterapia e Arte-educação e Deficiência Visual possibilitaram ampliar a visão artística, humana, social e cultural de todo um processo construtivo e criativo baseado em aspectos ainda não perceptíveis na época, como essenciais ao uso da máscara, embora muitos estudados ao longo da graduação em Teatro, mas com outros pontos de vista, apreciações e mesmo utilizações.

Ainda no decorrer da graduação pesquisava sobre grupos de folias de reis na região mas a necessidade de ir além das terras mineiras tão ricas e belas em cultura popular me fez refletir sobre a existência no meu estado de origem São Paulo,

buscando em pesquisas físicas, virtuais e de campo, os diferenciais entre as companhias ou folias de reis visto que até me transferir para a UFU e participar de experiências de cultura popular, jamais havia demonstrado interesse no assunto e nem ao menos detinha maiores conhecimentos sobre o palhaço mascarado.

Tendo cursado a primeira graduação em Letras na UNESP de Araraquara – SP, minha cidade natal, tive a oportunidade de desenvolver pesquisa de iniciação científica quando fui bolsista da FAPESP de agosto de 1998 a julho de 2000 cujos conhecimentos me permitiram ampliar os pontos de vista e análises referentes ao próprio processo investigativo acadêmico, da literatura, das linguagens comunicacionais (orais ou escritas) e também teatral.

Minha pesquisa baseava-se na análise comparativa entre **Medéia** de Eurípides e **Gota d'Água** de Chico Buarque e Paulo Pontes quanto à estrutura dramática das obras, contexto sócio-histórico e função social da arte passando pelos estudos da tragédia grega, as máscaras e simbolismos, noções de filosofia, política e história da democracia. Apesar de teórica a pesquisa possibilitou maiores compreensões sobre as artes cênicas e o processo de trabalho do ator, dramaturgo e relações com a própria arte de atuar, visto que por cursar latim como disciplina obrigatória por dois anos e grego clássico como segunda língua (também durante dois anos) aliada ao francês com grande enfoque da literatura dramática e facilitando a leitura de textos teatrais bem como estudos teóricos durante os quatro anos de curso, realizávamos leituras dramáticas, apresentações teatrais e eventos acadêmicos. Cursar francês de modo mais aprimorado e profundo na graduação me proporcionou conhecer no idioma original grandes clássicos do teatro e facilitou a leitura de estudos teóricos nem sempre traduzidos, não somente na iniciação científica, mas principalmente no mestrado. Além do mais, eu participava do Grupo Teatral Cheiro de Mato exercitando na prática, embora com outros textos, as questões atonais.

Apesar de a princípio não haver relação entre a experiência da primeira graduação com essa questão da máscara, o fato é que somente anos depois de concluir a segunda graduação, já em casa após exaustivos ensaios para a estreia de uma peça teatral, é que comecei a perceber as relações entre a literatura, o estudo e o falar uma língua estrangeira do ponto de vista sensorial, principalmente pelo tipo de espetáculo em vias de estreia, e que em muito vieram a contribuir na compreensão de fatores e elementos essenciais para o mascaramento e as folias de reis.

De criação dramaturgicamente própria de nosso grupo a peça (gravamos também um documentário sobre nosso processo de criação que encontra-se no youtube) era baseada na vida e obra de um poeta de tradição oral do interior de Minas Gerais (falecido aos 98 anos em outubro de 2016) de região rural em fazenda de difícil acesso, roceiro das antigas cantador de festas rurais (também participava das folias de reis), sanfoneiro, poeta semianalfabeto que só frequentou a escola dois meses e mal assinava o próprio nome. Já em temporada tivemos a oportunidade de apresentar o espetáculo em duas sessões na sua cidade natal e ainda visitar a casa onde o poeta viveu com sua família, bem como estabelecer diálogos críticos com amigos e familiares do mesmo.

Devido ao processo de construção do espetáculo e dos tantos personagens que cada um de nós tornava vivo novamente em cena, foi possível de modo mais intenso sentir o quanto falar, recitar versos, cantar, ler, tocar instrumentos, assim como uma simples pronúncia é construída por elementos sensoriais inerentes ao corpo humano que inter-relacionam-se de modo físico, fisiológico, psíquico, emocional, mental, comportamental. O que mais insurgiu-se neste trabalho era a sensorialidade corporal e a memória tanto mental/emocional como a somática, celular acumulada em nosso corpo. Tudo era contemplação, sensação, vida pulsante em cada célula, em cada imagem visual ou mental e da lembrança; memória. Sim, a memória do sujeito individual mas também parte de um todo maior e de um coletivo

social, cultural. O que se faz presente nas folhas de reis e na vida humana individualmente falando. E isso nos afeta numa troca energética de contínuo fluxo interno-externo consigo e entre os atores, atores e público, os elementos componentes da cena que constroem e reconstroem os personagens, equipe técnica e claro a própria imagem viva através de toda uma documentação digital e história de vida do poeta e de como surgiram seus poemas orais registrados por escrito por pesquisadores da literatura, teatro, cultura oral e músicos.

Tudo isso hoje traz novas reflexões para uma abordagem mais crítica e analisada pelo viés fisio-psíquico, sociocultural, artístico, literário, não só quanto ao processo de criação de cada obra mas como tudo ao mesmo tempo insurge-se de modo único sendo indissociável. O chamado conjunto da obra assim como um corpo humano apesar de seus vários órgãos e células compõem um único organismo que somente é capaz de funcionar plenamente dando vida ao sujeito, quando se une num todo maior. E isso se faz presente no teatro, nas suas manifestações diversas, na cultura popular entre os elementos que compõem toda uma teatralidade dentro de um dado contexto sócio-histórico-cultural a partir de sujeitos individuais que compõem um coletivo chamado de sociedade.

Outros estudos e abordagens mais específicas à folia de reis, ao trabalho com máscara e a deficiência visual e as relações entre esses elementos e a arteterapia e suas contribuições para com as artes cênicas, objetivos maiores da minha tese, serão desdobrados futuramente ao longo da pesquisa e também publicados. Porém ainda na primeira graduação através dos estudos linguísticos e literários já vieram questões e elementos contributivos para a tese de agora.

A iniciação científica, por exemplo, propiciou conhecimentos como filosofia, sociologia, democracia, história e principalmente o teatro e os processos ritualísticos coletivos e os mascaramentos desde os povos primitivos, indispensáveis aos meus estudos atuais e para esta tese de doutorado e também para a vida de atriz. Além

disso, me levou ao mestrado ressignificando o estudo anterior e trazendo novas abordagens desta vez referentes ao papel da mulher na Grécia Antiga e no Brasil ditatorial através das protagonistas Medéia e Joana, numa nova roupagem dramática que anos depois também pude revisitar minha pesquisa trabalhada, ainda que sucintamente, no estágio docente 1 neste doutorado, compreendendo o quanto de sensorialidade havia (mesmo num texto dramático) nas obras, nas personagens em espetáculos encenados tanto relativos à máscara quanto aos demais elementos que a compunham no conjunto das obras e que anteriormente no curso de Letras, não havia dado o devido enfoque com as dadas especificidades.

Retomando a folia de reis, ao encontrar pesquisas do historiador Carlos Carvalho Cavalheiro (2007) deparei-me com a tradição em meio a inovação, preservação e descumprimento de regras, principalmente no tocante ao palhaço mascarado, na metrópole em Sorocaba – SP a fim de se manter perpetuada, ainda que adaptada aos tempos modernos, a tradição da folia de reis pelo esforço, num árduo trabalho e revitalização do trabalho em se manter viva a manifestação cultural em região tão próxima a maior cidade da América do Sul.

O primeiro contato com a Companhia de Santos Reis sorocabana deu-se no final de 2009 após uma empreitada para conseguir um número de telefone e posteriormente o endereço dos responsáveis pelo grupo, Senhor José Coppi e Dona Eva Borges de Andrade. Após os devidos combinados e não acreditando que eu realmente me fizesse presente para acompanhá-los ao menos durante alguns dias de jornada, o grupo seguiu seu roteiro habitual. Ao chegar na residência fui recebida daquele modo típico de cidade pequena e com hábitos não convencionais aos dias atuais, sorrisos, abraços, acolhimento pleno numa casa humilde, pequena, pessoas fraternas e um delicioso café da manhã. Valores culturais preservados em meio aos tempos modernos, principalmente em se tratando de uma região metropolitana com seus perigos, vida corrida, pessoas trancadas em suas casas e apartamentos,

individualismos, menores sentimentos de coletividade, valores fraternos, dentre outros.

Além de ser a primeira vez de uma pesquisa de campo totalmente sozinha, eu não conhecia Sorocaba (SP) e nunca havia acompanhado ou visto de perto uma folia de reis. E após longas horas de viagem de ônibus mais um percurso de transporte coletivo e uma caminhada até o endereço em questão, quem me recebeu foi o genro de Senhor José Coppi e Dona Eva, que me convidou para o café da manhã com sua esposa e duas filhas, ligou para o sogro a fim de saber onde estavam e me levou até o grupo.

Na chegada à frente de uma casa a ser visitada novamente fui recebida com alegria pelo grupo que me propiciou ao longo da jornada de cinco dias (período em que pude permanecer visto outros compromissos, a virada de ano e quase total ausência de recursos financeiros e técnicos para registro imagético) as primeiras impressões, informações, fotos feitas com um telefone celular hoje muito antigo com filmagens cedidas pelo grupo copiadas de DVDs, e exemplares de livros, adereços e um CD gravado pela companhia que me foram doados por eles.

Nesta primeira empreitada rumo à folia de reis e ao tão almejado palhaço mascarado participei do primeiro dia da jornada já em andamento pernoitando na casa de Dona Eva e José Coppi que percebendo meu cansaço por não estar habituada com caminhadas tão longas e justamente chegando de Uberlândia(MG), além de eu não conhecer a cidade de Sorocaba, me convidaram para pernoitar na casa deles. Na manhã seguinte novamente um caprichado e saborosíssimo da manhã típico de região simples interiorana e a proposta para ficar ali hospedada colaborando com o que eu pudesse e também melhor conhecer a eles e ao restante do grupo. Em outras passagens breves anos depois optei por ficar em hotel devido a outros compromissos e por ter ido acompanhada.

Embora certos relatos de minha experiência acadêmica, pessoal ou cultural, possam a princípio parecer desconectadas, em muito contribuíram para a compreensão e ampliação das percepções e pontos de vista essenciais para o desenvolvimento da minha tese. E vivenciar na prática certas questões da cultura popular é fundamental para a real construção de uma pesquisa que trata não apenas de abordagens técnicas de atuação que visam tanto contribuir para as artes cênicas como para o próprio exercício do ator, como para um trabalho de desenvolvimento cultural onde estudam-se o insurgir e manter-se das manifestações populares através dos tempos e que afetam tanto a própria história humana, cultural e artística, mas o próprio ser humano com sujeito individual e único numa relação de troca, construção e compartilhamento coletivo de experiências e saberes.

Apesar de em muitas regiões do país a folias de reis e a máscara serem temas bastante comuns para estudos socioculturais e artísticos, ainda mais na região mineira, retomar a análise da referida manifestação agora não somente pelo viés cultural ou artístico, além do processo de mascaramento e da própria máscara, mas através de uma abordagem sensorial que vai além da teatralidade, da atuação e do próprio ator atingindo outros segmentos foi de suma importância para a compreensão de elementos agora observados por uma outra ótica com a percepção de outras questões e de formas diferenciadas.

O fato é que as questões referentes à máscara e as relações entre os mais variados elementos cênico-culturais desde a Grécia Antiga até os tempos atuais passando pelas manifestações da cultura popular tem despertado a necessidade intrínseca de análises e novos estudos associados ao fator humano, no âmbito físico, mental, sensorial, espiritual, dentre outros, individual ou conjuntamente entre si e em meio ao ambiente onde se encontra inserido o sujeito atuante, profissional ou brincante.

A máscara, além das expressões artísticas, ressalta também inúmeros aspectos culturais, simbólicos, religiosos e ritualísticos se fazendo presente na cultura de povos primitivos, no Egito Antigo, no Teatro Grego, Japonês, Chinês, passando pela Comédia Del'Art sempre mostrando processos de atuação diferenciados e que exigiam um treinamento específico, sempre com personagens marcantes. Verifica-se sua utilização também em diversas manifestações da cultura popular brasileiras tais como a Folia de Reis presente em diversos estados brasileiros e vários países.

Conforme o historiador Cavalheiro (2007) Folia de Reis é uma manifestação cultural oriunda da Península Ibérica de louvor aos Reis Magos Belchior, Baltazar e Gaspar no dia 06 de janeiro (Dia de Santos Reis) sendo comum a ocorrência de doação e recebimento de presentes enquanto são entoados cantos e danças quando em visitação nas residências de devotos de Santos Reis. Cada grupo, chamado em alguns lugares de Folia de Reis, em outros Terno de Reis, é composto por músicos tocando instrumentos, como tambores, reco-reco, flauta e rabeca (espécie de violino rústico), além da tradicional viola caipira e do acordeão, também conhecida em certas regiões como sanfona, gaita ou pé-de-bode.

Na cidade de Sorocaba (SP), por exemplo, a configuração da festa conta com palhaços mascarados para representar os soldados ordenados por Herodes a matar o Menino Jesus. Conforme a região e a companhia, o palhaço pode receber o nome de Bastião, como no caso da **Companhia de Santos Reis da Vila Formosa** em Sorocaba (SP). Inúmeras são as Companhias de Folias de Reis que, no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro, visitam casas para louvar a Santos Reis, cantar, tocar e rezar diante do presépio, relembrando assim a história bíblica.

Na Folia de Reis ou Reisado, por exemplo, a máscara assume um papel de destaque, permitindo uma espécie de retorno ao mito. Tratam-se na verdade, de histórias orais da fé católica, referentes aos Reis Magos visitantes de Jesus na manjedoura. Esses reis ao retornarem de onde nascera o Messias, foram

acompanhados pelos ex-soldados de Herodes, anteriormente designados a matar a criança e que convertidos perante o Salvador, protegem-no disfarçados com vestes coloridas, máscaras e realizando brincadeiras por onde passam.

Aos membros de um reisado são atribuídas funções ou mesmo proibições. Cada personagem desse ritual executa determinada performance fazendo uso de figurinos e adereços específicos e instrumentos musicais, numa prática repleta de significados próprios dos gestos, ações e objetos apresentados. É como um espetáculo para Santos Reis com atores, cenários e público.

Cavalheiro (2007), além de historiador foi amigo íntimo do mestre e da bandeira da **Companhia de Santos Reis da Vila Formosa** da cidade de Sorocaba/SP, acompanhando durante anos a trajetória e jornada do grupo. Para ele, o que mais diferencia o palhaço e a própria folia de reis de outras companhias é o mascarado ser incumbido de ações em geral não permissíveis e uma performance também alternativa. Esse fato despertou-me a curiosidade quanto à aquisição de maiores conhecimentos sobre a questão da máscara no reisado e a relação entre a mesma e seu usuário, além do desejo de conhecer, in loco, o grupo sorocabano.

O reisado marca o ciclo de um ritual a partir de performances que sugerem jogos cênicos, repletos de elementos que conferem teatralidade a uma tradição antiga, a exemplo das folias de reis. Nesse processo há a combinação de voz, gestualidade, vestimentas, músicas e acessórios diversos, em que a performance central baseia-se nas máscaras dos Bastiões.

Na companhia sorocabana, a performance e a teatralidade insurgem-se via sacralização de objetos, locais, pessoas, por meio de códigos ritualísticos (figurinos, bandeira, o Bastião...) acionados pelos atores do reisado. Semelhante a um espetáculo, a **Companhia de Santos Reis**, ao entrar em cena, apresenta personagens caracterizados por figurinos e adereços em ações que configuram uma narrativa mítica simbolizada esteticamente, além de concretizar ideias e valores vivenciados

pelo grupo e comunidade local. Desse modo, conhecer a história e estrutura do reisado de Sorocaba torna-se essencial para a devida compreensão dos elementos que a ela são inerentes: a teatralidade, bem como a relação entre o sagrado e o profano dessa manifestação originada a partir dos Bastiões.

A *Companhia de Santos Reis* de Sorocaba possui entre quinze a vinte integrantes, conforme o ano e disponibilidade profissional e pessoal de cada um. Apresenta como personagens o Embaixador ou Mestre que puxa a cantoria e lidera o grupo; a Bandeireira que carrega o estandarte; Contramestre que faz a segunda voz ao lado do embaixador; o Apontador de prendas anota em um caderno as ofertas recebidas; os mascarados ou chamados Bastiões. Sobre os Bastiões, o número também varia devido à possibilidade de participação de quem os exerce como função. Em Sorocaba, só não pode aparecer em número de três, a fim de evitar confusão com os reis magos. Os Bastiões são os palhaços mascarados e responsáveis por defender a bandeira usando espada ou facão de madeira, além de outras funções variadas que serão especificadas mais adiante. Já os demais são os foliões da companhia e divididos por vozes.



(Arquivo pessoal. Foto da autora)
Companhia de Santos Reis em jornada, 31/12/2009

A maioria dos personagens (foliões, embaixador e contramestre) faz uso dos seguintes instrumentos: duas caixas (ou chamados tambores), uma viola, três violões e um pandeiro. As violas e violões recebem enfeites de fitas coloridas como a azul que simboliza o manto de Nossa Senhora, rosa que sugere os doze apóstolos, a branca que salienta o Espírito Santo, vermelho em sinal de paz (pois Cristo derramou o próprio sangue por amor à humanidade a fim de nos trazer paz) e a alegria pela cor amarela. Tais fitas, em número de doze, representam os apóstolos seguidores de Jesus e a jornada de Santos Reis, além de santos católicos como São Gonçalo, São Sebastião e Nossa Senhora; estes santos enfatizam sempre a doação de si mesmo, pois arriscaram a própria vida por amor a Cristo e o servir ao próximo.

Já a bandeira, guia da companhia e símbolo maior de fé e louvor aos Santos Reis, é confeccionada em tecido verde comum, acrescida de flores de papel e fitas também coloridas (de cetim ou não) e traz impressa a imagem dos três reis magos e da sagrada família (Jesus, Maria e José). É hábito comum, a população amarrar fitas na bandeira em devoção aos santos reis ou cumprimento de promessas, bem como os chamados ex-votos (fotos, fitas, objetos diversos), devido às mesmas e acompanhar esse estandarte durante toda a jornada como se todos realmente o seguissem, repetindo o trajeto dos reis rumo à manjedoura. Após o dia de Santos Reis, os ex-votos são retirados da bandeira e jogados em água corrente ou levados ao santuário de Nossa Senhora em Aparecida do Norte. Os demais enfeites permanecem para que o “encanto”^[1] da bandeira não seja quebrado, enquanto esta é guardada até a próxima jornada.

Segundo a tradição do reisado sorocabano, as fitas e enfeites devem ser sempre costurados e jamais amarrados para não atrapalhar ou impedir o decorrer e sucesso da jornada. E dona Eva Borges,^[2] bandeireira responsável por essa que é a guia da *Companhia de Santos Reis*, realiza com minúcia a devida vistoria na bandeira antes da jornada de cada dia e ano.

Se um objeto da flâmula, como flor ou fita, eventualmente cair no chão de uma casa, seu proprietário terá boa sorte e bençãos; caso caia na rua, a sorte e bençãos serão de quem a encontrar desde que fique com ele. Nenhum membro da companhia deve pegar o objeto, pois terá má sorte e atrapalhará a jornada.

Há, nesse processo ritual, ainda as toadas, cantos e louvações de vinte e cinco versos representando o nascimento do menino Jesus e o padecimento durante o calvário e na cruz ou toada simples de dez versos para louvações e pedido das ofertas para a bandeira. A maneira de cantar varia conforme a origem da companhia de reisado. Existem três tipos em Sorocaba, a toada paulista mais simples com quatro vozes (embaixador, contramestre duas vozes no coro) e sem o grito final prolongado de resposta; a baiana e a mineira que exigem a equipe completa de oito vozes com a característica marcante do grito na contratata.^[3]

Ainda sobre a caracterização visual no ritual, o embaixador e contramestre vestem camisa verde (cor da bandeira) diferenciando-se dos demais homens e mulheres com calça escura e camisa azul em cetim, cores que simbolizam o manto de Nossa Senhora, também azul. Em torno do pescoço há uma toalha branca^[4], distinguem a companhia e as funções de cada um. A única vestimenta especial é a do Bastião, que é confeccionada em chita colorida e deve cobrir o corpo todo, ocultando o sujeito que ali está e apresentando-o em um homem que se transformará em praticante da tradição do reisado, em um sujeito carregado de caráter histórico e mitológico.

Estando prontos os figurinos, adereços e afinados os instrumentos, os personagens deste “espetáculo” do reisado sorocabano realizam um ritual preparativo para depois entrar em cena. Apesar de somente os membros da companhia estarem presentes, já se vê em cada um, uma primeira encenação da fé nos santos reis e de quanto essa tradição é importante para o grupo que a manifesta. É hábito do senhor José Coppi pedir a um padre o benzimento de todos os adereços,

figurinos, instrumentos e principalmente a bandeira antes de ser iniciada uma jornada. Isso não dispensa o grupo de visitar entre duas ou três igrejas católicas até o dia da festa de Santos Reis; visitas que possam garantir o sucesso da empreitada da fé. Quando o senhor José Coppi fazia sua jornada na zona rural no Paraná, assistia-se à Missa do Galo em seis de janeiro, logo ao término da última visita, assim, para José Coppi, garantia-se uma festa repleta de bençãos e neutralização de possíveis “energias” negativas.

O primeiro cenário deste “espetáculo” é o salão comunitário da Vila Formosa, onde se encontra, ao fundo, um altar iluminado por duas velas brancas e com as imagens de Jesus, Nossa Senhora e São Sebastião e pouco acima um quadro de Cristo e pendurada no alto da parede está a bandeira, guia do reisado.

O ritual é iniciado com um canto seguido da litania do terço. Os membros cantam novamente louvando e pedindo pelos enfermos e sucesso da jornada. O embaixador José Coppi - que a tudo comanda prepara seus foliões convocando-os com uma toada, a iniciar mais uma jornada. Durante esse canto os membros do grupo adentram ajoelhados ao recinto e a bandeireira e os Bastiões, como reverência, beijam com devoção a bandeira. Findada a toada, os mascarados louvam, utilizando versos declamados e diante do altar, o presépio. A seguir, um dos Bastiões segura a flâmula, passando-a sobre a cabeça dos foliões como se fosse abençoá-los. Só então, a bandeireira Eva Borges recebe de volta a bandeira, permanecendo na porta do salão; e todos os que por ali passarem, o devem fazer ajoelhados e debaixo do estandarte. Declara-se então o começo da jornada de louvor aos reis santos.

Para que uma casa seja visitada é preciso que o Bastião entre em cena. Ele, que segue a frente do grupo e bem atrás da bandeireira, pergunta se alguém deseja receber a visita do estandarte, sendo ele o protetor do símbolo que guia o grupo.

A bandeireira e o Bastião entram primeiro no lar escolhido, seguidos dos demais integrantes. O morador recebe a flâmula e o Bastião permanece a seu lado

protegendo-a; e durante a visita, após os foliões realizarem as toadas de agradecimento pela entrada na casa, há também o pedido de ofertas para a companhia. Caso haja presépio no lugar, deve haver uma louvação - sempre em forma versificada - especial pelo Bastião, anunciando que se deve lembrar do padecimento de Cristo. Já o embaixador louva sobre o nascimento do messias. As louvações possuem vinte e cinco versos e podem durar em média meia hora.



(Arquivo pessoal. Foto da autora)

A Companhia de Santos Reis entrando numa casa em 31/12/2009

A bandeira, em geral, permanece na sala em mãos de um morador da casa, mas sob a guarda dos Bastiões; porém, se o dono quiser levá-la aos outros cômodos para abençoá-los, o Bastião deverá autorizar e todos devem segui-la para louvar e abençoar a casa toda. Ao término da visita, a bandeireira recebe de volta a fâmula e a *Companhia de Santos Reis* prossegue a jornada para novas visitas.



(Arquivo pessoal. Foto da autora)
Bastião ao lado da bandeira e morador visitado em 27/12/2009.

Em todas as visitas, logo depois da toada do pedido e recebimento da oferta, o apontador de prendas ^[5] faz anotação de tudo o que é doado conforme a posse de cada morador. Mesmo que não haja qualquer doação, a companhia canta e louva com o mesmo empenho, abençoando casas e pessoas.

Ao final de cada jornada diária, acontece o pouso da bandeira e dos foliões. Tanto a flâmula, como os instrumentos musicais e demais objetos permanecem por uma noite até o dia seguinte na última casa visitada. Cada membro do grupo pouisa em sua própria residência e, na hora marcada, encontram-se na casa que abrigou a bandeira e objetos do ritual. Depois disso, reiniciam a jornada com rezas e louvações que não somente têm a função de agradecer pelos cuidados dados aos objetos, mas também a de abençoar ainda mais esses moradores. Receber para pouisa os elementos de um reisado é de grande satisfação e responsabilidade para os moradores que se sentem abençoados duplamente por Santos Reis.



(Arquivo pessoal. Foto da autora)

Embaixador José Coppi (camisa verde) e foliões cantam e tocam ainda na residência da foto acima em
27/12/2009



(Arquivo pessoal. Foto da autora)

Presépio de uma casa visitada em 31/12/2009

Numa comunhão de valores, em seis de janeiro (sábado ou domingo mais próximo), fecha-se com autorização da prefeitura a rua da casa do festeiro para a realização da esperada festa de Santos Reis. Nesta rua percorre-se um trajeto que representa o caminho dos reis magos a Belém. A companhia passa em baixo de três arcos de bambu enfeitados com bandeirolas de papel como se fossem estações; estas são simbolizadas por “correntes” de papel crepom e ao final encontra-se o altar com

PINTO, J.M. A primeira folia: uma experiência sensorial. Cadernos de InterPesquisas, v.2, p.217-246, 2024.
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11494619>

imagens de Jesus, Nossa Senhora, Santos Reis e outros. As últimas visitas acontecem nas casas vizinhas e, ao final da cortesia, soltam-se rojões e todos gritam vivas aos santos reis.

Para os membros da companhia, o dia é de confraternização, despedida e agradecimento pelo sucesso da jornada e já demonstram certa ansiedade para reverem-se na próxima empreitada. Com as ofertas arrecadadas, é feito um almoço aos foliões, comunidade e demais visitantes. Mesmo após o almoço, os foliões ainda visitam casas próximas, permanecendo nestas, muitas vezes, mais tempo que o convencional devido à grande espera e ansiedade dos moradores em conhecer a companhia ou desejos de fazer ou pagar promessas, agradecer bênçãos ou simplesmente demonstrar sua fé, rezando e louvando a Jesus e Santos Reis.

Após as últimas visitas, quando os foliões cruzam a primeira esquina que leva ao retorno da companhia, um devoto solta rojões. Duas crianças vestidas de anjos (lembrando a proteção divina) e uma de rainha (companheira de um dos reis, só aparece na festa) chegam e posicionam-se diante da companhia. Inicia-se, assim, a caminhada do grupo e se quebra a primeira corrente e começa-se a cantar toadas ao primeiro rei mago, Gaspar. Na segunda estação, os membros da companhia cantam em honra a Baltazar, desmancha-se a corrente para, simbolicamente, seguirem a jornada até Belém. Novamente na terceira estação a corrente é quebrada e louva-se a Belchior. A caminhada prossegue até o altar onde o grupo recebe chuvas de arroz em sinal da celebração da chegada e presença dos reis magos. A companhia canta e coloca a bandeira ao lado do altar. Reza o terço e todos (reisado e comunidade) despedem-se emocionados testemunhando a fé católica.

Algumas questões relacionadas ao personagem Bastião, o mascarado da folia, devem ser ressaltadas, vistas as funções e responsabilidades do mesmo e o quanto a representação da máscara significa para as folias em geral e mais ainda na **Companhia de Santos Reis**.

PINTO, J.M. A primeira folia: uma experiência sensorial. Cadernos de InterPesquisas, v.2, p.217-246, 2024.
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11494619>

Conforme estudos de cultura popular por Carlos Carvalho Cavalheiro (2007), a folia de reis (ou reisado), apresenta a máscara provida não apenas de aspectos sagrados e ritualísticos, mas também atribui certas especificidades a personagens por ela representados.

Na **Companhia de Santos Reis** da cidade paulista de Sorocaba há certo diferencial sobre o mascarado em relação às características gerais desse mesmo personagem em outros reisados. Cavalheiro (2007, p. 25-26) traz informações de que os mascarados são a representação do mal, representados para muitos foliões, os soldados de Herodes ou o demônio. Por isso, em inúmeros reisados os palhaços (também denominados Bastiões) ^[6] são impedidos de tocar a bandeira da folia, ir à frente do cortejo, aproximar-se do presépio etc. Para o autor, o Bastião aqui tem papel fundamental, pois ao contrário do que comumente ocorre em outras folias, do Bastião de Sorocaba depende o recebimento das ofertas pedidas, o anúncio e entrada nas casas visitadas, quebra de “encantamentos” e principalmente a louvação ao presépio, ações geralmente proibidas aos mascarados.

Quando há casos de ocorrer o encontro de bandeiras numa casa visitada, pois uma estava guardada por ter pertencido a um ex-folião, o Bastião deve cantar a toada de vinte e cinco versos louvando sobre o padecimento de Cristo e só depois louvar a bandeira do morador. Mas se o encontro se der em rua e não for de modo amistoso, os Bastiões das companhias travam luta, o mais verossímil possível, utilizando facão ou espada de madeira para defender a posse da bandeira. Aquele que perder deve entregar sua flâmula a outra companhia, bem como todos os figurinos, adereços, instrumentos, ofertas recebidas. Em geral, a possibilidade desse fato existir é evitado, e em Sorocaba atualmente segue-se a jornada com tranquilidade, pois só há outras companhias em cidades vizinhas.

Outra tradição sobre o Bastião de Sorocaba é a recolha de ofertas. Muitos moradores escondem as doações pela casa desafiando o mascarado a encontrá-las.

Assim a bandeira e toda a companhia permanecem na residência por mais tempo. O Bastião vai perguntando se tem mais padrinho pela casa (oferta) e o dono responde mais ou menos assim: “está por aí, por ali, por aqui...” E a companhia só vai embora quando a oferta for encontrada. Esta é uma forma também de pagamento pelas doações feitas ao grupo.

Quando a visita se dá na zona rural, há moradores que promovem um sofrimento físico no Bastião fazendo-o “apanhar” (sem socos e pontapés) em luta corporal repentina em que a oferta só é entregue após a vitória do mascarado. Tudo, obviamente, é simulado, mas exige desse personagem um bom preparo físico para tantas provações no decorrer da jornada. Ainda na zona rural, certos moradores desafiam o Bastião a agarrar porcos enebados que o tempo todo escapam de suas mãos. Corre-se atrás do animal e inúmeras são as tentativas que Bastião faz para agarrá-lo, caso queira receber a oferta para a companhia. Tudo é uma questão de desafio a ser vencido em prol do sucesso do ritual do reisado, pois prosseguir a jornada sem a obtenção da oferta desprestigia não somente o Bastião, mas o grupo todo. Essa possibilidade na jornada pode fazer com que a companhia perca seus seguidores cuja fé em Santos Reis tenderia até a desaparecer.

Ainda sobre as ofertas recebidas, alguns moradores pedem ao mascarado que dance, participe de outras brincadeiras improvisadas por ele ou pelo visitado. Nessa passagem do ritual, é comum o Bastião realizar micagens, acrobacias e até se livrar das tentativas de crianças (ou mesmo adultos) de roubarem-lhe a máscara; fato que desconstrói o caráter mítico e simbólico de tal personagem ao revelar a identidade de seu intérprete, dessacralizando também a folia de reis. E caso a máscara seja roubada, a bandeira fica presa na casa visitada, sendo preciso que o Bastião ou o embaixador proclame palavras secretas para desprendê-la e a jornada prosseguir. Pode ocorrer também, a pedido de um ou outro visitado, o “corta-jaca”, como dança exclusiva do

mascarado para pagamento de ofertas. Deve-se pular e dançar de maneira a simular uma batalha entre os Bastiões da companhia.

Mas as brincadeiras são realizadas somente a pedido dos moradores visitados ao fazerem suas doações, pois durante a jornada, o Bastião é um personagem sério, cujas funções são as de proteger a bandeira de possíveis agressores e companhias rivais, executar as toadas com louvações, pedido e recolha de ofertas, desmanchar maus encantos. Porém, o principal é ressaltar a divina fé, pois quando relembram a história do nascimento de Cristo, ajoelham-se e tiram a máscara diante de um presépio, provando a vitória do Bem sobre o Mau pela conversão dos soldados de Herodes.

Uma tradição dos reisados e que está presente também em Sorocaba é o “Cruzeiro de Flor” desenhado no chão de uma casa. Antes de a companhia adentrar no recinto, é preciso que o Bastião proclame versos “secretos” enquanto desmancha cada braço do cruzeiro. E para cada um dever ser dita uma “profecia” diferente. Só então, se tem a permissão para entrar na residência e cantar as toadas. As profecias são materializadas em palavras e versos que relatam fatos bíblicos referentes à vida de Jesus previamente aprendidos e decorados com o próprio grupo.

Exemplo de profecia declamada pelo Bastião enquanto desmancha o “Cruzeiro de Flor” (Cavalheiro, 2007, p. 54):

Antes de haver o Dilúvio
o mundo era todo certo
quando Cristo veio à Terra
deixou tudo descoberto
para todas devoção
deixou um caminho aberto
Deus te salve a Santa Cruz
onde Cristo foi pregado
que morreu por nosso amor
e depois foi ressuscitado
tirando um braço da cruz

PINTO, J.M. A primeira folia: uma experiência sensorial. Cadernos de InterPesquisas, v.2, p.217-246, 2024.
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11494619>

fica um esquadro dobrado
Enquanto São José
trabalhava preocupado
tirando outro braço da cruz
fica um poste contínuo
Na casa de São Vicente
e na capela do Divino
Vendo o Cruzeiro desmanchado
nós podemos chegar até Belém
encontrar com Deus Menino
que a Virgem Maria tem.

Conforme vamos compreendendo a estrutura e desenvolvimento cênicos da **Companhia de Santos Reis**, torna-se mais clara a compreensão de que, a performance ressalta questões marcantes e próprias da comunidade com a qual se relaciona. E isso ocorre via história, cultura e principalmente por esta ou aquela manifestação não apenas carregada, mas também geradora de elementos simbólicos transformados em códigos culturais.

Inserido num cotidiano social da tradição da folia de reis e marcado por linguagens simbólicas e codificadas, o sujeito vivente e principalmente brincante do reisado, reconhece-se e reconhece o outro dentro de uma coletividade identificada pelas mesmas características culturais que dão sentido ao meio em que se é parte integrante e participante ativo. Assim, tudo e todos se reconhecem ao criar, recriar e transformar a si e ao meio e sem descaracterizar a tradição, além de influenciarem-se mutuamente, trabalham juntos na preservação e perpetuação da mesma.

Só se compreende esse reconhecimento quando vivencia-se a cultura, e junto ao portador de tradição do reisado, no caso de Sorocaba, divide-se os mesmos ideais, sentimentos e necessidades. Relacionados às reminiscências, esses fatores retiram da memória os elementos aprendidos na prática e observação dessa manifestação. Assim, é preciso compreender que cada elemento da folia de reis está intimamente ligado ao outro, possuindo, todos, igual valor cultural e até mesmo cênico. E isso não se relaciona somente com a manifestação do reisado, mas com os inúmeros locais

PINTO, J.M. A primeira folia: uma experiência sensorial. Cadernos de InterPesquisas, v.2, p.217-246, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11494619>

visitados pela **Companhia de Santos Reis** e cujos moradores são seguidores de valores e normas de conduta desse grupo e sua manifestação cultural, conforme aborda Zumthor (2000).

A cada elemento da folia de reis como máscara, bandeira, enfeites, cantos, instrumentos, performances, são associados simbolismos, mitos e ações na forma de códigos de práticas compreendidos pelos membros e seguidores da companhia de reisado. Juntos esses elementos compõem um espetáculo em que “atores” e “plateia” deixam o cotidiano convencional de atividades domésticas e profissionais para adentrar numa experiência artística interativa carregada de valores culturais, sociais, morais, religiosos e outros.

No teatro de louvor aos santos reis, atores e espectadores são movidos pelo intuito da celebração da vida e da fé fazendo uso de toda uma teatralidade codificada que promove a interação e influência transformacional mútua dos envolvidos. Com isso, o conhecimento dessa tradição também é transformado e recriado artística, social e culturalmente, sendo preservado e admirado pela beleza e naturalidade da “encenação”. Esse “espetáculo” de fé mostra, no tocante às ações performáticas dos “atores”, que parece haver funções a serem cumpridas; é o que salienta Schechner (*apud* Kodama, 2009 p.240) ^[7].

A princípio as performances de uma folia de reis podem ser vistas como mero entretenimento aliando atividades lúdicas como cantar, tocar e brincar (no caso dos palhaços mascarados); porém, ao participar dela como simples visitante observadora e com o passar dos dias como pesquisadora-participante com olhar mais crítico e analítico cultural, foi possível perceber que os objetos confeccionados para o ritual passam por um processo de criação estética; transforma pessoas comuns em personagens bíblicos; através da comunhão nas brincadeiras, promove a união dos indivíduos e fortalece o coletivo em nome de objetivo comum e de maior relevância, qual seja, manter e transmitir a prática do reisado desde os preparativos iniciais até o

almoço e final da festa; a performance também ressalta o poder da fé quando pessoas agradecem pelos milagres recebidos, pedem e recebem bênçãos e graças.

As performances ritualísticas terminam promovendo a continuidade do sagrado mantido pelos objetos simbólicos do ritual confeccionados pelo grupo tal como a bandeira. Esta representa o elemento divino e estabelece ligação entre o céu e a terra, acrescentando características próprias da comunidade local sorocabana. E assim como a bandeira, os demais elementos visuais presentes na manifestação como flores, fitas, presépios e principalmente os Bastiões constituem todo um registro artístico que agrega técnica de confecção, mitos, significações e religiosidade; tudo preservado e transmitido via oralidade e visualidade estética na manifestação do reisado.

Pelo início dos preparativos e de modo mais marcante durante a manifestação, são acionadas dos brincantes lembranças que possam guardar e transmitir alguns símbolos que, na verdade, são como códigos sagrados compreendidos e principalmente vivenciados pelos “atores” da fé católica: os portadores da tradição da folia de reis. E isso marca essa manifestação e a comunidade que a acompanha criando uma identidade cultural e social própria.

Espaço, objetos, pessoas, e até mesmo o tempo sacralizam-se e têm suas características transformadas e recriadas no decorrer do processo da manifestação do reisado, iniciada com os primeiros preparativos. Baseado num roteiro de trabalho pré-determinado pela **Companhia de Santos Reis** e mais especificamente por essa tradição, tudo se executa no prazer da realização do grupo praticante e adeptos gerada no sentido de fé e preservação cultural do grupo.

Ao executar a confecção, criação e principalmente as visitas e todas as ações até o término da festa, é como se o tempo perdesse a sua duração normal, inexistindo a fim de que todos possam tornar-se parte integrante da história cristã, reatualizando e revivendo lembranças, costumes, histórias diversas que geraram marcas na vida de todos.

No exercício coletivo do festejar e louvar aos reis magos, a companhia sorocabana salienta-se através de linguagens variadas preservadas e revividas pela manifestação da folia de reis. Além disso, esse reisado consagra locais por onde passa, bem como os inúmeros objetos confeccionados e letras para um uso artístico, como o canto, a louvação, atuação; enfim, tudo em nome de um fator cultural que concentra o sentido essencial da vida cotidiana e extra-cotidiana: a festa.

As performances da folia de reis mostram como é dada a construção de significações que passam a ser sacralizadas, como personagens e ações do reisado dentro de uma comunidade maior, pois é da memória coletiva dos “atores” e “público” que tudo se registra e se preserva.

É dentro do contexto sagrado e ritualístico da manifestação e do grupo, bem como das localidades e residências visitadas em Sorocaba, que se visualiza e compreende aspectos históricos e míticos, origem, espaço, duração, performance, personagens desse ato que parece uma encenação sagrada de louvor aos Santos Reis.

Nesse “teatro”, o espaço das ruas e das casas, é transformado pela fé para “encenar” talvez o mais antigo acontecimento cristão e promover o renascer de Cristo no coração dos católicos e apreciadores do reisado; sejam locais de classes mais humildes ou não, desde que fiéis ao catolicismo e adeptas a esse hábito cultural. Aqui elementos que, para os não portadores de tradição e não adeptos do ritual, carregam apenas um caráter estético, adquirem em cena o caráter representativo e sagrado de uma história bíblica. É via manifestação que elementos são transmitidos a outras gerações de brincantes, receptoras dos conhecimentos naturalmente carregados por esses elementos da tradição da folia de reis. Ao receber conhecimentos, a memória do ator brincante portador de tradição os assimila e acumula, registrando cada dado como se fossem documentos e obras de arte a serem guardados num museu chamado lembrança.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Renato. Folclore. **Cadernos de folclore**. Número 3, 1976 R3.

AMARAL, Ana Maria. **O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos**. São Paulo: Editora SENAC, SP 2002

AMORIM Sara Passabon. **Folia de Reis do Zumbi: uma prática performativa**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, 2007.

BAKTHIN. Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Françaes Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. São Paulo-Brasília: Hucitec, 1993.

BARBA, Eugenio, FILHO, Antunes, GROTOWSKI. **A ostra e a pérola: uma anatomia do ator**. MARIZ, Adriana Dantas de. **A ostra e a pérola: uma visão antropológica do corpo no teatro de pesquisa**. São Paulo: Perspectiva, 2007. 227 p.

BROOK, Peter. **A máscara - saindo de nossas conchas. O ponto de mudança: "quarenta anos de experiências teatrais: 1946-1987"**; trad. Antonio Machado e Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2. ed. 1995. 324p.

_____. **As artimanhas do tédio. A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800**; trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo. Brasiliense. 1983.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Italiana, 1984.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Folia de reis em Sorocaba**. Sorocaba, SP: Edição do autor, 2007. 90 p.: il.

CHAUÍ, Marilena. Unidade 8. Cap. 1. A cultura. **Convite à filosofia**. São Paulo. Editora Ática, 1999

PINTO, J.M. A primeira folia: uma experiência sensorial. Cadernos de InterPesquisas, v.2, p.217-246, 2024.
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11494619>

_____. **Conformismo e resistência:** Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

CHAVEZ, Wagner. Máscara, performance e mimesis: práticas rituais e significados dos palhaços das folias de santos reis. **Textos escolhidos de cultura e arte populares.** Rio de Janeiro, v.5 nº 1 p. 75-87, 2008

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Mito e Realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

FO, Dario. **Manual mínimo do ator.** Franca Rame (org.). Lucas Baldovino, Carlos David Szlak (trad.); 2ª ed. São Paulo: Ed. SENAC. São Paulo, 1999

FREITAS, Vanildo Alves de. & TELLES, Narciso. Com fé e folia: a performance do palhaço da folia de reis no triângulo mineiro. **OPIS – Revista do NIESC**, vol. 4, 2004. P. 25-34.

GUINSBURG, J. A ideia de teatro. **Da cena em cena: “Ensaio de teatro”.** São Paulo. Ed. Perspectiva, 2001. 142p.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições.** Trad. Celina Cardim Cavalcante. São Paulo. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 2006

KODAMA, Kátia. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis:** o avatar das culturas subalternas. 2009. 299 p. il. Tese. Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes, USP. São Paulo: 2009.

SANCHIS, J. F. Pierre. As festas populares. Mesa Redonda II. XVI Semana do Folclore. II Simpósio de Comunicações sobre pesquisas em Folclore. **Síntese.** Belo Horizonte: Vozes, 1980.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. **Aventura sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINTO, J.M. A primeira folia: uma experiência sensorial. Cadernos de InterPesquisas, v.2, p.217-246, 2024.
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11494619>

ZUMTHOR, Paul. A obra plena. **A letra e a voz: A “literatura medieval”**; trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 324p _____. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.

REFERÊNCIAS PRIMÁRIAS

Adão Caldeira de Souza. Entrevista concedida à autora em 31 de dezembro de 2009. Sorocaba. SP.

Antônio Dionísio dos Santos. Entrevista concedida à autora em 31 de dezembro de 2009. Sorocaba. SP.

José Coppi. Entrevistas informais no período de 27 a 31 de dezembro de 2009.

Eva Borges de Andrade. Entrevistas informais no período de 27 a 31 de dezembro de 2009.

[1] Aspecto sagrado na fé dos devotos à Santos Reis

[2] Informação obtida em conversa informal

[3] Voz mais alta e fina que a tala; voz pouco abaixo do contralto

[4] Geração de paz e neutralização de más energias

[5] Doações de alimentos ou dinheiro para o almoço da Festa de Santos Reis

[6] **Bastião – baluarte, defensores**

s. m. 1. Fortif. Espécie de fortim construído onde as muralhas formam ângulo.

2. *Fig.* Localidade onde se entrincheiram os defensores de uma ideia ou de um partido.

3. Sustentáculo.

4. *Técn.* Peça que assenta sobre o fuso do lagar.

[7] RICHARD SCHECHNER é professor da New York University, diretor de teatro e fundador e editor da revista The Drama Review, publicada pela NYU.